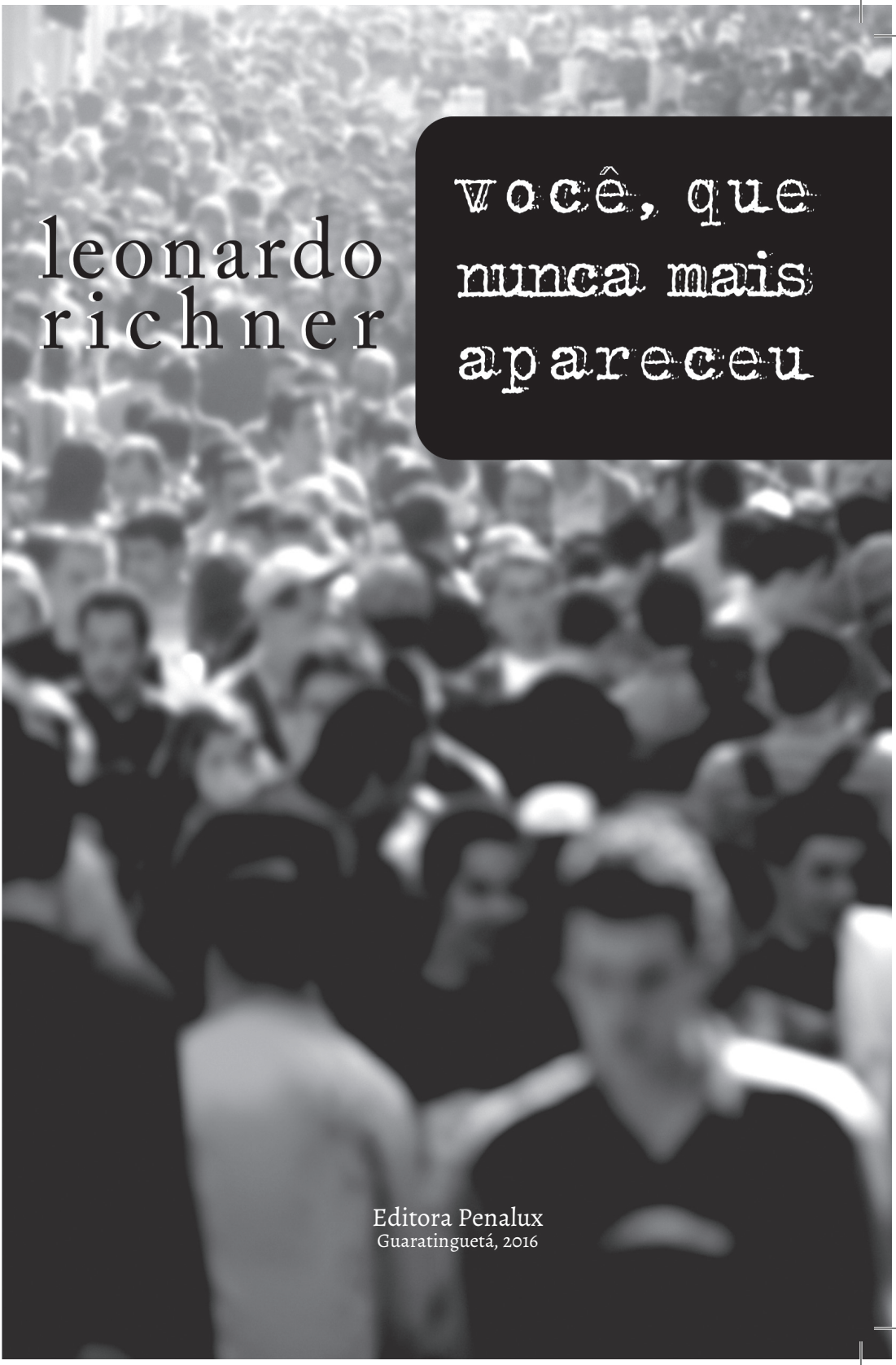

leonardo richner

você, que nunca mais apareceu

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Paloma Leite

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R533v RICHNER, Leonardo. 1991 -
Você, que nunca mais apareceu / Leonardo Richner. -
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2016.

154 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-056-5

1. Contos I. Título.

CDD B869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Por que você não abraça o diabo?

Tem nada mais dasalmado no mundo que combinação de pobre com calor.

Juro pelo sei lá quem que não tem.

Tentas.

Desafio-te-lhes: imagine como se tivesse lá de cima em cimão vendo essa gente toda esbarrando braço no braço a pele grossa esturricada do sol que pesa no cocuruto arqueia o corpo deixa a cara chuviscada dum suor que sai nem pedindo com vela galinha sete quiabos cortados em rodelas finas na encruzilhada.

Mas sem adelongar-me vamos-nos ao que interessa.

O começo.

Bota aquelas três estrelinhas ali sabes.

***

Que na época deus tava comigo era sem dúvidas. Pois sim tinha-me com ele um aperto de mãos do bem dado. Nosso trato davas-me direito à pensão recebida

todo mês com senha e cartão Nossa Caixa em nome de meu irmão e um namorico com A Sandro em lambuzeiras de pinto com peito de mentira e tudo na quitinete emprestadado também de irmão falecido num caminhão tombado na BR 115.

Vivia eu como conto-te-lhes: simples no gozo desse tratinho aí com deus dinheirinho pingado garantido na conta um passeio aqui outro lá a Sandro fazia graça duas três vezes por semana eu dava uns trocados e depois assistia Supercine na tevezinha de 14 polegadas que meu irmão nem terminou de pagar sujou o nome a alma nem tinha saído do corpo.

A vida boa de corticeiro vivendo nos biscates de jogo de bicho e pinga barata.

Mas vais entenderes agora que esse tal tinhoso desse deus rompeu-me nosso tratinho numa paulada só: naquele dia na preguiça de bucho cheio quarta-feira de feijoada bateram-me na porta esmurraram até deixarem-me lá a cartinha de ofício tinham descoberto que Jorginho tava morto há mais de dois anos e eu deveria-me dar contas de esclarecer da pensão sacada todo mês. Crês em meu pânico o salafrário do deus tinha cortado-me a mesada honesta. Tratei de chamar pra espairecer-me a Sandro que me deu de pau mole respirando como um gatinho as narinas branquinhas querendo espirrar pó barato que comprava na esquina da Luz e outro tratinho desfeito: ela se escafedeu mordida da cara com o tabefe que dei depois de acusar-me de seres um

pérrapado quando contei do tratinho desfeito da pensãozinha. Fui dormir de cabeça quente no dia seguinte no caixa da Nossa Caixa a mensagem conta inexistente. Logo veio-me aquele calorão de desespero outra desgraceira. Voltei pensando os trocados sobrados num vão dar nem pra buchada de bode quando já na porta do muquifinho o desgramento do deus me soltou-me de vez a mão: uma ordem de despejo. Pronto!

Na completa desgraceira.

Olhei pro alto assim custei acreditar no abandono.

Crês em tanta patifaria desse tal deus lazarento?

Vamos-nos fazer uma pausa.

Bota aí de novo as estrelinhas.

***

Recomecemo-nos.

Eis-me que no desespero pedi ao Sergião que sabia nada do destrato de deus pra abrir-me uma continha. No balcão tomei as branquinhas todas sequei a garrafa até ler 5151 e não 51. Daí tive pesadelos com engravatados colocando-me no xilindró tendo que dividir o cu dormindo com um olho no peixe e outro no rabo. Acordo-me com uma mão a balançar-me dum lado pro outro logo de pronto veio aquela batida do sol na cara o ronco do busão Terminal Princesa Isabel e tava na calçada com a freira em socorro pedindo-me que acordasse. Era sim uma visão a freira e

logo tardei-me a pensar tinha sido deus dando o mindinho querendo fazer as pazes. Não aguentei-me podes imaginar-te? Chorei-me todo ali na calçada no colo da freira acariciou-me a testa limpou o suor de pinga.

Deus no coração a bendita disse-me deus no coração uma alegriazinha levantou-me na zonzeira de ressaca. Tomou-me as mãos e disse-me vá procurar deus vá atrás dele no teu reino vá meu velho vá e eu perguntei onde caralho tava deus e ela disse vá velho para as planícies vá ele te aguarda em Manari e perguntei onde diabos é isso e a maria louca respondeu vá homem encontre deus vá e eu disse tô sem dinheiro nenhum tô duro igual pau de galinheiro e ela me olhou-me fechando-lhes os olhinhos e respondeu-me vá homem vá deus ajuda dá os meios de lá chegar vá velho.

Sabia que o senhor deus todo poderoso santíssimo bondoso ser supremo num ia abandonar-me. Fui-me nas certezas de que arrumarias-me dinheiro para chegar à terra santa de Manari. Podes imaginar-lhes-te? Um paraíso palmeiras praias limpinhas mulheres lindas sem pinto comida bebida a rodo.

A primeira coisa foi arrumar-me o dinheiro: fui a Sandro parei-me na porta ajeitei-me a cabecinha bem meiguinho no batente perguntei-lhe se podia entrar. A filho de cruz credo tinhas dinheiro em casa guardado. deus no comando queria nem mais comer a bunda suja. Dei-lhe logo um socão na nuca derrubei o coitada no chão revirei-lhe tudo até encontrar-me os merréis na calçola. Era o começo a passagem para ir até o

amigo do Sergião na Brasilândia um escroque que emprestava a juros tomando-nos de garantia a vida e a morte e o Rodriguinho emprestou-me depois de colocar-me o revólver de dedo na cabeça dizendo que eu era luser deu-me dois mil a ser pagos já na prestação da semana seguinte. Fui-me prometendo fazendo cara de dózinha o bolsinho cheio.

Manari o paraíso. Eu e deus.

Fui-me com a roupa do corpo em Manari roupas novas branquinhas de tecido levinho esperando-me. Nadas poderia-me impedir. Nosso tratinho de novo valendo. Até uma Brasília azul deus deixou-me aberta pra mim na saída do metrô com chave e tudo no contato o velhinho dono tinha ido pegar a esposa. Bobiou dançou.

E aí fui-me com as rodas na estrada um mapinha no banco do passageiro o ronco da Brasília azul Menari no pensando.

Mais uma pausa.

(Esse velho é louco)

Coloca as três estrelinhas

***

Onde estávamo-nos?

Na estrada. Eu e a Brasília fumegando já com os pneus carecas os braços tremendo o ronco do motor um calor da peste suando-me um banho de sal da cabeça até as dobras do joelho.

Parei-me em Bom Senhor do Menino uma desgraceira de duas ruas poeira vermelha e gente encolhida. Na vendinha fui-me comprar uma bebidinha gelada um salgado pra forrar o estômago e na porta o ceguinho fudido com suor no bigode pediu-me um trocado erguendo a panelinha de metal. Achas que deus tava ali com o desafortunado cegueta? Num ia certo de que num tava eu tratei é de pegar-me as moedas pra ajudar-me no gás corri pro carro o cegueta lá balançando a cabeça pra lá e pra cá rindo boboca pobre diabo infeliz do capeta.

E lá ia-me eu nas paisagens ficando mais feias mais desalmadas tudo bege tudo marrom tudo pobre a Brasília no azul do céu tremendo feito vara verde.

Noite toda no volante e aí o deusinho deu-me a amostra grátis do paraíso: Branquinha. Crês que haja nome mais lindo pruma cidade? Logo parei-me o carro na biboca só um moleque lombriguento um cachorro sarnento e poeira de barro. Foi-me uma foi-me duas foi-me três branquinhas até secar-me a garrafinha acordar com o sarnento lambendo-me as fuças.

Eu devia-me ter desconfiado que o tratinho num ia durar muito.

Crês que levaram-me a Brasília os trocados tiraram-me do bolso foi o lombriguento. Se olhar pro alto resolvesse-me não teria abandonado-mes de novo. Esse deus é um sarrista. Devia tá aos risos altos vendo-me jogado onde judas perdeu as botas e até os pés levaram-me.

Uma desgraceira.

Ali sentadinho na porta do bar roubei o pedaço de carne da tigela do pulguento nem força tinha pra comer aquilo e apareceu-me deus bonachão enviou-me um anjo bendito Oxê deixa comida do cão em paz homem e perguntei quem é e ela respondeu-me um voz mais lisa que garrafa de 51 Oxê me chamo Massasauga.

Crês que ias conseguir-me pronunciar o nome da beldade cor de tijolinho baiano molhada inteira dum suor grosso os cabelos pretinhos escorridos e colados na testa e nas bochechas. Já pronto sentia-me amando a tal moça.

Oxê levanta daí homem deixa o cão na santa paz e eu levantei-me limpando a bunda apertei-lhes a mão macia que era aquilo e ela perguntou-me pra onde vai homem e eu respondi vou-me encontrar-me com deus em Manari roubaram-me a Brasília as botas e os trocados e ela disse Oxê se aquiete eu disse que é que vou-me fazer e ela respondeu Oxê Manari é meu caminho te levo na mula ande suba aí homem e eu perguntei não tens um carrinho nem que seja um pois é e ela respondeu Oxê deixa de bobeira suba aí na mula homem se agradeça pela ajuda e eu agradeci.

Pensas que imagem mais bonita eu e morenhinha no lombo da mula indo pro paraíso? Esse deus é danado brinca mais que criança bêbada. Subi na mula e tratei-lhe de perguntar repete-me seu nome que não entendi e ela sorriu tão alto que parecia ter aumentado o volume e respondeu-me Oxê pode me chamar de Cascavel.

www.editorapenalux.com.br

leonardorichner@outlook.com

/vitor.richner